

Uma Análise Antropológica da Relação entre Homens e Ratos e seus Desdobramentos Éticos

Michael Carreri Alves¹

RESUMO: O presente artigo, visa desenvolver análise antropológica com objetivo de compreender algo da relação entre humanos e ratos em nossa sociedade ocidental contemporânea. A importância destes animais vem tanto de nosso convívio no espaço das cidades, onde são geralmente rejeitados e excluídos, como também do convívio em laboratórios e até mesmo em nossas casas, como animais de estimação. Será ao analisarmos os ratos em suas múltiplas relações com o homem e na forma como surgem os significados simbólicos atribuídos a este animal que buscaremos enriquecer o pensar sobre esta relação multifacetada (e, por vez, ambivalente) e sobre a ética no tratamento dedicado a eles.

PALAVRAS-CHAVE: Ratos; Simbolismo; Estimação; Laboratório; Ética.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de trabalho monográfico intitulado *“Uma breve investigação antropológica da relação entre homens e ratos na sociedade contemporânea”* (Alves, 2017), no qual foi apresentada discussão sobre a relação entre humanos e ratos e debatidas as consequências éticas destas relações, analisando os ratos nas cidades, nos laboratórios, como animais de estimação e também no entretenimento, possibilitando que se entendesse um pouco mais quais os diversos significados do rato em nossa sociedade e como estes significados impactam nossa relação com esses animais.

Neste artigo, falaremos principalmente sobre os ratos comuns, ou ratos marrons (*Rattus Norvegicus*), entendidos aqui como símbolos, como agentes e também como relações, que, como sugerem Lien & Law (2013), devem ser compreendidas como texturas e suas extensões no tempo e no espaço (architexturas), que caracterizam a relação entre humano e animal, e fazendo com que as qualidades tanto de uns quanto de outros passem a ser definidas dentro das práticas e relações que se estabelecem: “Textures define and characterize the qualities of relations in practices, including the only relations we know about: those that bind and shape people and the worlds in which they are caught up.” (LAW AND LIEN, 2013, pg. 334)

O objetivo deste artigo será, além disso, o de aprofundar o pensamento sobre a ética da relação com os ratos a partir da análise das diferentes relações que estabelecemos com estes animais.

Os Ratos

Os ratos estão presentes em quase todos os assentamentos humanos, sendo originários da Ásia e tendo-se espalhado pela Europa a partir do século XVI, e nas Américas principalmente a partir do século XVIII, sendo vistos geralmente como pragas e tendo sido mortos por diversos motivos ao longo da história, como, por exemplo por comida, esporte, condução de experimentos científicos, e também por serem vistos como grandes transmissores de doenças (Edelman, 2002). Nós causamos a morte de inúmeros ratos com pouca preocupação, pois o rato não parece merecer nenhuma consideração, e

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: sanchezg94@gmail.com.

poucos são aqueles que levantam a bandeira em sua defesa, se comparados aos muitos que defendem cães ou mesmo vacas e porcos.

Os domínios dos ratos são os esgotos, a exclusão e o esquecimento; ao mesmo tempo, o rato sempre se encontra em uma posição ambígua, nas sombras, embora esteja sempre presente nas cidades. A menor importância dada a eles pelos movimentos de proteção aos animais no século XIX, paradoxalmente, ajudou a empurrá-los para que se tornassem o animal de pesquisa científica mais importante da modernidade, ainda que não tenha sido a única causa.

Castro Carvalho (2016) aponta dois fatores para a hegemonia dos ratos como cobaias: a já estabelecida estrutura de criadores de ratos, criados para serem vendidos como curiosidades e como animais de estimação, à época da proliferação dos experimentos com animais, e o fato de que estes primeiros experimentos não eram invasivos e, portanto, recebiam poucas críticas. Os "(...) ratos eram animais próximos o bastante de humanos quando se trata de compartilhar substâncias e história filogenética, mas suficientemente distantes para não gerar grandes questionamentos éticos e morais" (Castro Carvalho, 2016, p. 166, minha tradução).

Ainda que providenciemos atualmente alguma proteção, através de conselhos de ética, aos espécimes de ratos brancos – padronizados, geneticamente purificados, controladamente reproduzidos nos viveiros dos centros de pesquisa, que lhes garante uma temperatura confortável, um padrão apropriado de gaiolas – no fim, as pesquisas ainda terminam com o “descarte” destes animais, assim que não puderem mais ser diretamente úteis. “What of the unloved others, the ones who are disregarded, or who may be lost through negligence? What of the disliked and actively vilified others, those who may be specifically targeted for death?” (BIRD ROSE & DOOREN, 2011, pg. 1)

Para que possamos compreender nossa relação com os ratos, é necessário que observemos esses animais não somente como seres biológicos, autômatos da natureza, como são muitas vezes tratados nas pesquisas científicas em que tomam parte, nem tampouco somente como entenderia um etólogo, observando os ratos inseridos em uma sociedade de ratos, observando exclusivamente as relações que possuem entre si, mas focalizar a relação entre humanos e ratos: ou seja, o rato inserido em um ambiente urbano moderno criado por homens em relação com ratos, destacando, como foco, os símbolos e signos que nós construímos ao nos relacionarmos, ou não nos relacionarmos (evitando sua presença ou permanência) com eles. Aqui, pode-se sugerir que uma antropologia direcionada ao entendimento das relações entre humanos e animais também tem algo a dizer sobre tudo o que se produz a partir de formas de não relação com, ou de evitação de, certos seres.

Os papel simbólico do rato tem uma miríade de facetas: baixa condição sanitária, covardia, sujeira, e até mesmo um certo ardil. Ser homem e não ser rato significa possuir elevadas faculdades morais e boas condições de saúde, possuir valores como coragem, altivez e limpeza; ser homem é ser notável, não viver na exclusão e nas sombras, habitat característico do rato (SILVA E SÁ, 2013). “Ser homem é não ser não humano qual seja o rato. É viver à sombra do homem. Ser rato é ser excluído. Exterminável. Dispensável. Os ratos sobrevivem na não normatividade. Ser rato é resistir. Erráticos.” (SILVA E SÁ, 2013, p. 244).

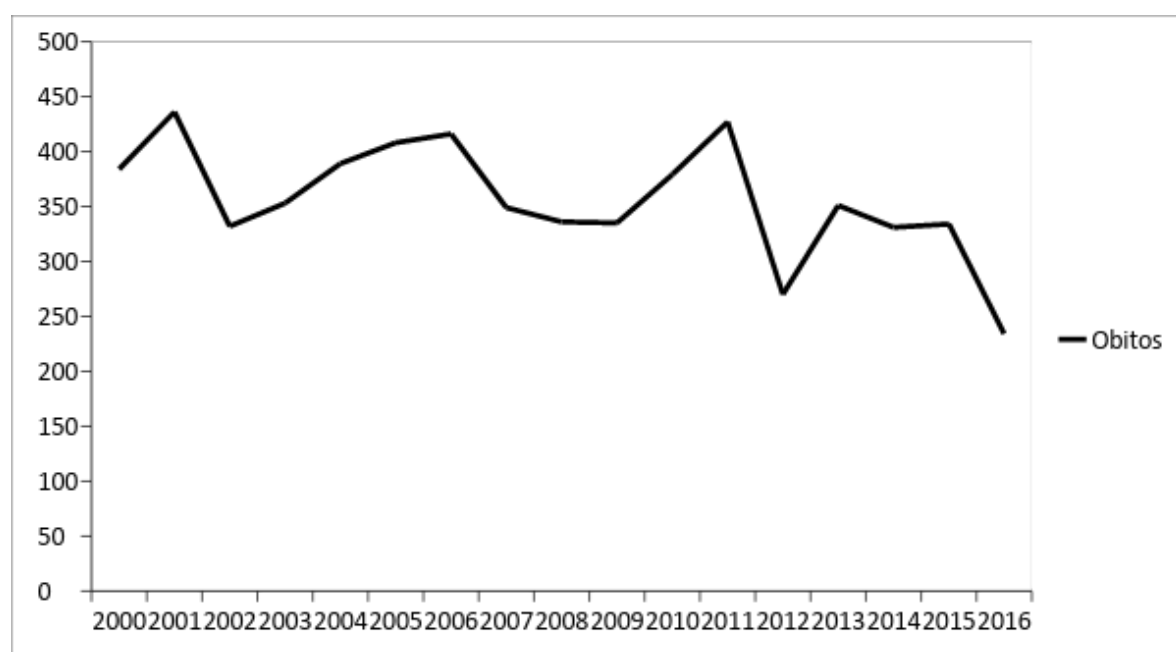
Apesar de indesejados nas cidades, serem, de fato, *unloved others*, a fama dos ratos nem sempre foi tão ruim. Segundo Birgitta Edelman (2002), os ratos ganharam notoriedade como animais virulentos após Simond demonstrar que os ratos-pretos (*Rattus rattus*) poderiam espalhar as pulgas (*Sifonápteros*) infectadas com a peste bubônica (*Yersinia pestis*). Com o horror da peste, tudo que a ela foi associada acaba por se tornar nefasto.

Edelman (2002) nos revela que cães e gatos também podiam carregar as pulgas responsáveis pela peste, e os gatos podiam carregar a própria doença, porém os ratos se tornaram o símbolo da praga: como já eram indesejados, foram condenados, e outros “culpados” não foram procurados, tendo sido deixados incólumes.

Wundram e Ruback (1986) contestam a visão dos ratos como disseminadores de doenças afirmando que as moléstias associadas aos ratos são poucas e os casos são raros. Os principais danos que causariam atualmente seriam econômicos: cabos destruídos, infestações em reservas de alimento e incêndios devidos partes de rede elétrica roídas. No Brasil, vemos exemplos deste tipo de prejuízo em matérias de jornal como a intitulada “Após ratos roerem cabos, parte da Ponte de Laguna fica sem iluminação, diz Dnit”, publicada pelo G1 no dia 30/08/2017, que noticiava danos à iluminação de ponte, na cidade de Laguna, causada por cabos roídos. Em outra matéria do TvJornal, intitulada “Comerciantes denunciam infestação de ratos no Ceasa”, publicada no dia 04/09/2017, é noticiado o prejuízo diário com comida sendo descartada por terem sido roídas por ratos, tornando-a imprópria para consumo humano.

Por outro lado, o número de óbitos por leptospirose no Brasil, segundo o Ministério da Saúde, vai às centenas todos os anos. O que nos impõe a necessidade de certo cuidado ao assumirmos quais são os danos causados pelas doenças transmitidas por ratos, no caso brasileiro.

Gráfico 1 – Óbitos por Leptospirose no Brasil entre 2000 e 2016.



Fonte: Ministério da Saúde - Sinan/SVS/MS (18 setembro de 2017)

Wudram e Ruback (1986) consideram que o rato está em uma posição sinantrópica incomum, entre o inquilinismo e o parasitismo, pois se alimentam de dejetos, mas causam prejuízos reais. Se comparados a abutres ou urubus, por exemplo, que também têm presença comum nas cidades, mas não são causadores de doenças em humanos, embora também se alimentem de dejetos indesejados, estes tendem a ajudar a reduzir doenças ao consumirem carcaças, provendo uma espécie de serviço útil às distintas comunidades humanas (VAN DOOREN, 2011).

Para Wudram e Ruback (1986), os ratos fornecem vantagens similares, mas também seriam responsáveis por prejuízos de mais de um bilhão de dólares anuais somente nos Estados Unidos, devido às perdas de alimentos e aos incêndios causados por danos à fiação elétrica.

Por outro lado, esse ponto de vista nos leva a ver o rato como parasita, e não existem grandes movimentos em defesa das criaturas que parasitam ou causam doenças ao homem: são criaturas eliminadas e elimináveis, pragas. Nas cidades, buscamos ativamente exterminá-los, sem que isso nos leve a maiores questionamentos éticos. Pensamos o rato como praga, e por tanto como matável, e,

como propõe Donna Haraway (2008), “It is not killing that gets us into exterminism, but making beings killable.”

Ainda assim, os ratos parecem estar realmente em um lugar intermediário e próprio: são regularmente exterminados nas cidades, mas conselhos de ética defendem seus interesses quando utilizados em pesquisas científicas. São mortos ao invadirem nossas casas, mas também são comprados em pet shops e tratados com carinho por seus donos.

É interessante notar que o *Rattus norvegicus*, popularmente conhecido como rato de esgoto, é bastante aceito como animal de estimação. Organizações como a AFRMA – *American Fancy Rat & Mouse Association*, servem de ponto de encontro entre os criadores e aficionados, que, inclusive, utilizam o termo internacional de “*Fancy Rat*” para diferenciar os *Rattus norvegicus* de estimação de seus parentes “selvagens”, uma distinção que se dá pela relação que estabelecem com estes ratos e não por características biológicas, pois são todos *Rattus norvegicus*, apesar de certos padrões de pelagem serem preferidas pelo público. A associação reconhece sete variedades de corpo, mais de quarenta cores, e enumeram diversas características como cor de olho e padrões na pelagem para compor a lista de ratos “padronizados”, além de reconhecer aqueles fora dos padrões como uma categoria própria.

No entanto, os ratos continuam a serem mortos. A relação entre humanos e ratos é complexa, dependendo sempre do contexto em que se manifesta.

Parte desta complexidade talvez se deva à inteligência do rato: diferentemente de um verme ou um inseto (muitos dos quais também considerados pragas e sendo eminentemente “matáveis”), o rato possui grande inteligência e esperteza: são animais hábeis em fugas sendo, inclusive, capazes de evitar armadilhas criadas para pegá-los, e também de passar informações ambientais para seus companheiros e descendentes (WUNDRAM & RUBACK, 1996). Técnicos de biotério citados por Almeida de Souza (2015) já ressaltavam sua inteligência, e artigos como o de Foote e Crystal (2007), demonstram as capacidades nestes animais que considerávamos exclusivas de primatas e humanos, como a capacidade de refletir sobre seus próprios processos mentais. Já outro artigo, escrito por Bartal, Decetyl e Mason (2011), nos demonstra que são também capazes de empatia, agindo ativamente para ajudar aqueles por quem tem afinidade, mesmo que não exista uma recompensa imediata.

Apesar disso, o rato é tratado com nojo, enquanto os gatos e outros mamíferos urbanos aparecem como amáveis. Enquanto muitas pessoas cuidam de cachorros abandonados, os ratos normalmente não têm a mesma sorte e vivem suas “vidas de rato”, às vezes muito abreviadas, buscando sobreviver em nossas cidades, que sempre buscam eliminá-los em massa. Mas os ratos parecem resistir, seja a venenos espalhados, seja às armadilhas plantadas; eles resistem as nossas intenções e nos fazem pensar: A cidade é um lar somente nosso? Qual seria, então, o espaço “natural” do rato?

Os Significados dos Ratos

Os ratos são figuras presentes em muitos de nossos contos, mitos, jogos e linguagem, tendo presença em narrativas de tradição oral e na literatura escrita. Muitas vezes estão associados ao horror, em que hordas de ratos causam nojo, medo ou até mesmo morte. O rato é utilizado como um intensificador da repugnância e aparece como um símbolo para o mal, da mesma forma de pombas aparecem associadas à paz e corujas, à sabedoria (EDELMAN, 2002).

Casos como a invasão de ratos em Myanmar em julho de 2017 nos mostram como o significado do rato se amplifica quando aparecem em horda. Em notícia do jornal O Globo, “*Milhares de ratos*

invadem aldeias de ilha em Myanmar", de 06/06/2017, é relatada uma "invasão" de ratos, com milhares de animais mortos, e um prêmio oferecido pelo governo por cada rato abatido. A notícia afirma que alguns moradores locais estariam interpretando a aparição da horda de ratos como "*sinal precursor de uma catástrofe*". Parece claro que existe ali uma clara associação entre a horda destes animais com algum tipo de desgraça que irá se abater sobre as pessoas. Tal fascínio e medo causado pelos ratos parece aludir à posição de Deleuze & Guattari (1997) sobre a relação que estabelecemos com a ideia do bando (de animais) e da multiplicidade, ponto teórico relevante para pensarmos como construímos o significados da horda de ratos, ou de ratos em hordas.

Por outro lado, as aparições mais famosas e icônicas de ratos que podemos encontrar na mídia são o oposto, sendo figuras individualizadas e antropomorfizadas. Além dos diversos camundongos famosos, como Mickey Mouse, Jerry e Ligeirinho, temos alguns ratos queridos, como, por exemplo, Remy, do longa-metragem *Ratatouille*, animação de sucesso da parceria entre a *Pixar* e a *Disney*, com um Oscar obtido, além de cinco indicações.

Em *Ratatouille*, um dos personagens principais é um rato chamado Remy que vive em uma colônia de ratos escondida em uma casa. Apesar de todos os ratos na animação terem certas características antropomórficas, Remy se diferencia dos outros por ter um paladar e um olfato acurados, ser capaz de ler livros escritos pelos homens, e andar somente sobre as duas patas de trás com objetivo de não sujar suas "mãos". Ao mesmo tempo em que estas características apartam Remy dos outros ratos, tornando-o mais humano e menos rato que seus pares, o personagem vive em um limiar, nunca deixando, do ponto de vista humano, de ser um rato.

Figura 1 - Remy de Ratatouille



Fonte (<https://www.flickr.com/photos/53903290@N06/4988836659/>)

A animação começa com Remy explicando que "a vida de rato é difícil", e que os ratos "roubam lixo". Essa é uma das angústias do personagem: a de que ele e sua família seriam "ladrões" de comida, problema moral que não importa aos outros ratos, mas incomoda Remy, justamente por sua aproximação maior com características humanas. O personagem humano Linguini, em certo momento, inclusive, utiliza a expressão "É isso que dá confiar em um rato", quando ele imagina ter sido enganado e roubado por Remy, aludindo ao fato de que ele esperaria da natureza do rato apenas o roubo e o engodo, justamente características que Remy rejeita em seus familiares e em si mesmo.

Há também quem se lembre de Rizzo, o rato dos *Muppets*, ou velho Mestre Splinter, um rato antropomorfizado que servia de professor das Tartarugas Ninjas. É interessante notar que tanto no caso de Remy, quanto no caso do Mestre Splinter, os personagens parecem fundir aspectos antagônicos. Remy é um rato, animal que simboliza a sujeira, que come dejetos, mas o personagem é um cozinheiro da alta culinária francesa, e este conflito é utilizado no filme para reforçar seu argumento central de que "todos podem cozinhar". No mesmo sentido, o Mestre Splinter une os

esgotos, sua morada, sua fisionomia de rato, e o permanente exílio da sociedade dos homens, com a disciplina das artes marciais, a sabedoria de um mestre e filósofo zen, e um gosto pela cultura renascentista, que é indicada pela escolha do nome de seus filhos adotivos, as tartarugas (também antropomorfizadas) Donatello, Michelangelo, Raphael e Leonardo, todos nomes de grandes artistas da Renascença italiana.

Essa combinação de características que causa estranhamento não é simplesmente arbitrária, mas reforça a ideia de um mestre exótico, ao mesmo tempo próximo à sociedade humana, que está logo acima, fora do e sobre o esgoto, e que ele aprecia (sendo um declarado fã de novelas televisivas), e distante dela, vivendo no exílio, pois teme sua exposição ao mundo. Suas características de rato, e suas características mundanas, como gostar de novelas, se unem para ampliar a sátira que o personagem faz dos mestres dos heróis das histórias em quadrinhos², que estavam no auge no período de sua criação no quadrinho original "Teenage Mutant Ninja Turtles", em 1984.

Figura 2 - Mestre Splinter – Tartarugas Ninjas



(Fonte: David Peterseng – <http://davidpetersen.blogspot.com.br/2012/04/splinter-cover-process-as-i-hinted-in.html> na data de 22/11/2017)

Ainda que tenhamos citado alguns exemplos de ratos como personagens, temos de esclarecer que os principais roedores da mídia são os camundongos, *mus musculus*, talvez por sua maior presença como animais de estimação, ou devido à má fama dos ratos. Outra possível explicação é a da tardia entrada dos ratos marrons nos Estados Unidos, que talvez tenha preservado melhor o camundongo no imaginário popular, já que este país foi e é o maior exportador de cinema, jogos, e entretenimento no último século.

Mesmo o famoso "Maus", de Art Spiegelman, quadrinho que retrata a história do pai de Spiegelman como judeu polonês durante o holocausto, ainda escolhe o camundongo ao invés do rato para representar os judeus. O quadrinho é bastante interessante por esse uso de camundongos para representar os judeus, enquanto os alemães e os outros poloneses são geralmente retratados como gatos ou porcos, em uma apropriação crítica da própria propaganda nazista que tratava os judeus como vermes ou pragas³.

É interessante pensarmos sobre como os camundongos (*Mus musculus*) em relação aos ratos (*Rattus Novergicus*) são percebidos de forma similar em alguns momentos, como roedores indesejados, animais a serem eliminados, como no caso de "Maus" ou mesmo de Jerry do famoso

² Informações retiradas das histórias em quadrinhos originais, Teenage Mutant Ninja Turtles, dos autores Kevin Eastman e Peter Laird, publicados pela Mirage Studios, entre 1984 e 2007.

³ Informações retiradas da história em quadrinhos original, Maus, publicados na Raw, em 1991, por seu criador Art Spiegelman.

desenho animado da Hannah Barbera, “*Tom e Jerry*”. Porém, em outros momentos, o rato aparece como mais associado ao negativo, enquanto o camundongo tem associações positivas e ainda é preferido entre os roedores como personagem principal de certos produtos culturais.

Um exemplo bastante interessante que ilustra esta questão é o jogo de tabuleiro chamado *Mice and Mystics*, onde os jogadores representam camundongos com características antropomórficas em uma aventura de fantasia medieval onde os inimigos são insetos, aracnídeos e ratos⁴. Esse caso é particularmente interessante porque a distinção é clara e proposital, e a nomenclatura é precisa para que os jogadores consigam entender quem são os aliados e quem são os inimigos. Os ratos são malvados e os camundongos os heróis.

Figura 3 – Exibição dos componentes do jogo Mice and Mystics



Fonte: Site da Livraria Cultura

(<https://www.livrariacultura.com.br/p/brinquedos/jogos/jogos-de-tabuleiro/mice-and-mystics-19026672> , acessado dia 28/11/2017)

No jogo de tabuleiro chamado *Bruges*⁵, o rato aparece como ícone para representar o avanço das doenças e das pragas, e, quando o jogador junta três peças com o desenho do rato, a peste mata pessoas de sua parte da cidade, fazendo aquele jogador perder pontos.

Figura 4 – Bruges, o rato como marcador do avanço da peste.



Fonte: Bruges Review do site Jestatharogue (<http://www.jestatharogue.com/game-reviews/review-bruges> , acessado em 28/11/2017)

Os jogos *Notre Dame*⁶ e *Rattus*⁷ também tratam tematicamente a ameaça da peste, representada novamente pelos ratos em ambos os jogos, a despeito do seu real causador ser a pulga, que não é mencionada.

⁴ Criado por Jerry Hawthorne, publicado originalmente pela Plaid Hat Games em 2012. Publicado no Brasil pela Galápagos Jogos.

⁵ Criado por Stefan Feld, publicado originalmente pela Hans im Glück em 2013.

⁶ Criado por Stefan Feld, publicado originalmente pela Alea em 2007.

⁷ Criado por Åse Berg e Henrik Berg, publicado originalmente pela White Goblin Games em 2010.

Figura 5 – Jogo de tabuleiro Rattus.



Fonte: Blog do Board Game Café “Knight Moves” (<https://knightmovesboston.wordpress.com/2014/03/12/meet-rattus/>. Acessado em 28/11/2017)

Em *Hameln*⁸, jogo que busca retratar a história do Flautista de Hamelin, os ratos são a horda que se espalha e traz prejuízos, tendo de ser eliminada pelos jogadores para que possam fazer boas pontuações para vencer.

Figura 6 - Jogo de tabuleiro “Hameln”



Fonte: Sessão de Imagens do site Board Game Geek (<https://boardgamegeek.com/image/161484/hameln>. Acessado em 28/11/2017)

Enquanto os ratos aparecem quase sempre associados à doença e à praga em jogos de tabuleiro, animais como cães e gatos circulam por cenários muito mais diversos e positivos. Jogos como *Dogs*, onde os jogadores devem resgatar cães de diferentes raças para vencer o jogo, ou como *Felinia*, os jogadores são gatos antropomorfizados trabalhando como mercadores em um reino de felinos, são alguns exemplos. É possível encontrar jogos sobre pandas, como *Takenoko*, *Camel Up* sobre camelos, *Bärenpark* sobre ursos, *Battle Sheep* sobre ovelhas, *Bullfrogs* sobre Sapos, todos tratando de forma positiva os animais que buscam representar. Já aos ratos parecem sobrar os papéis simbólicos da praga, da doença, e do que deve ser combatido. Quase sempre que os ratos aparecem como um símbolo ou um ícone nos jogos, este ícone representa doença ou sujeira.

⁸ Criado por Gordon Lamont e Fraser Lamont, publicado pela Fragor Games em 2006.

Apesar disso, esta relação parece assumir outro aspecto quando pensamos nos ratos que vivem em laboratórios. O famoso desenho da Warner, *Pinky e o Cérebro* pode nos fornecer um exemplo desta diferença.

Em *Pinky e o Cérebro*, dois ratos de laboratório com características antropomórficas interagem entre si e com o mundo humano, em uma animação de comédia com toques de críticas ao mundo moderno e científico⁹. É notável que os ratos de laboratório sejam escolhidos como a melhor base para construir uma dupla de personagens antropomórficos que tenham a ciência como característica central. A despeito da rejeição natural aos ratos como personagens principais, parece que, de todas as outras opções que poderiam ser escolhidas, incluindo camundongos que também são utilizados em pesquisas, os ratos tiveram seu lugar e contribuição à ciência ali destacados.

Castro Carvalho (2016) sugere que a ideia e o símbolo do rato como o principal animal usado na experimentação laboratorial se tornaram tão poderosos que a própria expressão em inglês para descrever um espécime de experimentação é “lab rat”, que se traduz simplesmente como “rato de laboratório”, ainda que, no caso do Brasil e da língua portuguesa, a mesma relação não se aplique. O fato dos Estados Unidos serem produtor de grande parte da cultura de massa, filmes, livros, desenhos e jogos, e de naquele país essa relação linguística estar estabelecida, no mínimo enseja consideração para entendermos porque os ratos aparecem destas formas nestas mídias que consumimos. O caso da animação “*Pinky e o Cérebro*” nos sugere que estes ratos brancos estão hoje tão associados à prática científica que a inversão da relação cobaia-cientista parece natural quando se antropomorfiza o rato branco de laboratório. Tal inversão pode nos lembrar do tratamento que dá Lévi-Strauss aos mitos, ao lugar do *trickster*, sua função mediadora, e como a inversão também produz sentido.

Os exemplos levantados até aqui parecem colaborar com a teoria de Edelman (2002) de três significados modernos para o rato: vistos como amáveis (pets), vistos como detestáveis (pestes) e vistos com “neutralidade” científica (animais de laboratório). Esta visão não contraria a percepção mais dualista do rato como *trickster*, mas potencializa sua miríade de significados, reforçando a centralidade que a autora dá à visão do rato como um dos principais *tricksters* da sociedade moderna.

Esse caráter trino do rato é na verdade especialmente interessante quando pensamos o rato como um *trickster*, geralmente figura de caráter duplo, ambígua, mediadora e possuidora de características positivas e negativas simultaneamente. Se seu caráter duplo é facilmente demonstrado em personagens como Remy e Mestre Splinter, ainda nos resta pensar como esse *trickster* se compõe também como um símbolo dentro da ciência.

O rato é visto pelas ciências naturais como um animal classificado como um “rato” por suas características biológicas: é rato por que é geneticamente rato, fenotipicamente rato, por que se encaixa nas especificações do gênero “*Rattus*”¹⁰. São tratados nas pesquisas como um grupo e suas relações com os homens são ignoradas em quase todos os relatórios científicos produzidos nos laboratórios em que são utilizados.

Mas, se são tratados desta forma em busca da tão cobiçada neutralidade, valor muito caro à epistemologia das ciências, por que escolher o rato, dentre tantos outros modelos animais possíveis? Edelman nos sugere que a escolha dos ratos de laboratório tem a ver com a seleção de características que os tornaram particularmente dóceis, de rápida reprodução, de maturidade mais

⁹ Informações retiradas da animação original, *Pinky and the Brain*, criada por Tom Ruegger, produzida por Steven Spielberg pela Warner Bros. Television Animation e pela Amblin Television, em 1995.

¹⁰ Gênero da Família Muridae na Ordem dos Rodentia. Possui atualmente 66 espécies de ratos e ratazanas catalogadas, sendo originários da Ásia.

rápida e também de menor expectativa de vida, completando todo seu ciclo de vida em menor tempo, características ideais para as pesquisas.

Já Castro Carvalho (2016) argumenta que a ideia de que os ratos sejam um dos melhores animais para testes por suas características únicas são, no fundo, baseadas em argumentos a posteriori, tendo surgido como justificativas muito depois dos ratos já estarem popularizados como os principais animais para testes. Isso nos indica que, mesmo na ciência, os ratos assumiram o papel prático e simbólico de animais de experimentação não por uma questão natural – que poderia ter levado à escolha de outro animal, com igual ou possivelmente até maior eficácia –, mas principalmente por uma questão histórica e cultural.

Foram escolhidos pois são semelhantes a nós o suficiente para que os experimentos feitos com eles sejam relevantes para sua aplicação em humanos, mas distantes o bastante para que se pudesse aceitar seu uso em procedimentos por vezes invasivos e mesmo fatais. Animais com quem nos identificamos mais prontamente, como cães e gatos, são preservados e têm seus direitos protegidos, enquanto animais mais distantes de nós são mortos pelos mais variados motivos.

Existe, na prática, uma escala de valor na consideração conferida a animais, na qual o topo é preenchido pelos animais mais próximos ao homem em seu comportamento, fisiologia, capacidade cognitiva ou capacidade que lhes atribuímos de sentir emoções (DESCOLA, 1988).

Se o fator principal é a similaridade, por que utilizamos ratos como modelos para experimentação em humanos?

Ratos e homens têm uma história comum. O enredo que os une reconhecemo-lo claramente como o naturalismo. (...) Ora, a experiência com ratos em laboratório, feita para aferir resultados terapêuticos para a saúde humana, assenta seus pressupostos epistemológicos nessa história comum, base do pensamento naturalista. (MARRAS, 2002, pg. 121)

Se, por um lado, precisamos ser parecidos, por outro parece que a proximidade também gera um conflito, parece existir um limite para o pensamento naturalista, já que experimentamos em ratos por sermos semelhantes, mas como sociedade reagimos com vigor contra o uso de cães ou macacos por serem “semelhantes demais”.

Isso nos leva à conclusão de que devemos questionar os limites da epistemologia científica como a base para manutenção de nossas relações com os ratos de laboratório. Existem outros fatores, para além da utilidade, dos resultados em pesquisas e da biologia, outras estruturas de nossa sociedade, que mediam nossas relações com diferentes animais, e que acabam por condenar o uso de cães para experimentos, ao mesmo tempo em que se permite o uso de ratos. Aos cães é concedida a subjetividade – que ampara sua proteção – em muitas situações, enquanto o rato parece só tê-la no contexto em que são animais de estimação, ou quando aparecem antropomorfizados, principalmente em histórias, animações e jogos.

Apesar das tentativas das ciências de tratá-los como objetos neutros, os ratos resistem. Castro Carvalho (2016) nos descreve um caso de um grupo de ratos trazidos do Japão, cujas características que haviam sido selecionadas em sua linhagem reforçavam a agressividade e a mortalidade por derrame, atributos necessários para uma pesquisa que buscava esclarecer questões fisiológicas ligadas à morte de humanos pela mesma causa. O autor nos conta como todo processo falhou quando, a despeito de todo controle e indução, os ratos agiam pacificamente mesmo após consecutivas técnicas serem aplicadas para incentivar sua agressividade, necessária para que ocorresse a morte por derrame.

Nenhuma explicação foi encontrada para o comportamento, e pesquisas mais específicas sobre o caso não seguiram. Ainda que não se conheça a causa, podemos levantar uma questão de forma clara: os ratos resistem, e a resistência destes animais a simplesmente agirem como máquinas previsíveis parecem se interpor à busca dos cientistas por padrão e objetividade. Os ratos se mostram visivelmente detentores de agência.

Os ratos não são máquinas, não importa quanto sejam homogeneizados geneticamente, mas criaturas vivas com interesses e intencionalidades, criando relações diversas com humanos e outros seres vivos (CASTRO CARVALHO, 2016).

Assim, como Almeida de Souza (2017) nos indica, precisamos tratar os ratos como agentes plenos, tanto quando resistem quanto quando colaboram com os humanos. Isso não exclui a assimetria da nossa relação com eles, mas evita que os tratemos de forma puramente instrumentalizada.

Let us assume that ethics constitutes a non-instrumental relation of concern for those significant others who appear to share the world with us in so very many irreducibly different ways. (SMITH, 2011, pg. 25)

Haraway (2008), em seu livro *When Species Meet*, nos traz uma discussão importante neste sentido, evidenciando que ambas as instâncias do debate sobre a ética animal estão erigidas sob patente antropocentrismo. Para a autora, tanto os grupos que acreditam que o bem maior para humanos é mais importante do que o sofrimento animal, quanto aqueles que acreditam que os animais sencientes são sempre fins em si mesmos e não poderiam ser utilizados para nossa conveniência, percebem que seus argumentos se baseiam em um dualismo com fundo de humanismo secular ou religioso.

Para Haraway é necessário pensarmos em termos de *response-ability*, uma constante ação, calculada, responsável por seus efeitos e obrigada a ser reflexiva sobre si mesma sempre, não se tratando de princípios universais mas práticas e políticas criativas e situadas que permitam repensar as relações (HARAWAY, 2008, págs. 88-89). A *response-ability* emergiria da ação, e não de princípios éticos teóricos, pois é nela que interagem humanos e animais, e é através do conceito de *shared suffering* que Haraway constrói essa nova forma de agir eticamente.

If (...) Martha Crouch was right that some of the pleasures of lab science that tend to make practitioners less able to engage in full cosmopolitics come from a Peter Pan-like preadolescence, in which one never really has to engage the full semiotic materiality of one's scientific practices, then maybe sharing suffering is about growing up to do the kind of time-consuming, expensive, hard work, as well as play, of staying with all the complexities for all of the actors, even knowing that will never be fully possible, fully calculable. Staying with the complexities does not mean not acting, not doing research, not engaging in some, indeed many, unequal instrumental relationships; it does mean learning to live and think in practical opening to shared pain and mortality and learning what that living and thinking teach. (HARAWAY, 2008, pgs.82-83)

Trata-se de um agir e um pensar que se baseia na materialidade de suas práticas; mesmo sabendo-se que esta complexidade nunca será totalmente resolvida, a *response-ability*, aqui colocada, é exatamente a de lidar com as questões da dor e da mortalidade, é um agir e pensar sempre aberto a *compartilhar o sofrimento*, mesmo quando se fizer necessário manter relações desiguais e instrumentalizadas.

É no encontro entre homens e ratos que se produzem os significados que atribuímos a eles, sejam eles diversos ou específicos, vistos como símbolo ou como agentes, ou mesmo ambos, pois, da mesma forma que o homem significa o rato, o rato fornece significados ao homem.

Almeida de Souza (2013) propõe que rejeitemos tanto a concepção intelectualista, na qual o animal é interpretado como símbolo, quanto a utilitarista, em que é tratado de forma instrumentalizada, de forma a entender que vivemos em um mundo povoado por diversos seres com os quais nos relacionamos.

Porém, não é por entendermos o rato como agente na relação com o homem que não podemos, também, compreendê-los, simultaneamente, como símbolos. Se o rato assume certas características na imaginação da sociedade moderna é porque, para nós, o rato produz um significado, mas este não aparece como construído por nossa vontade, mas negociado entre nós e o animal-símbolo, mesmo que em clara disparidade.

(...) não é necessário escolher, nas análises antropológicas, entre tomar o animal como signo ou símbolo e como ator: eles sempre são as duas coisas ao mesmo tempo. (VANDER VELDEN, 2015, pg. 09)

Da mesma forma se queremos entender por que, nos jogos, o rato aparece primariamente como praga, temos de olhar para a história e buscar não só como a sociedade ocidental moderna observa os ratos, mas como os ratos atuam em relação a nós.

O rato que invade e devora os grãos reservados para os homens produz diferentes relações do que aquele que sofre da praga, ou aquele que é criado para ter uma pelagem particularmente agradável para que seja vendido como um animal de estimação. Certamente, divergentes contextos produziram diferentes noções sobre o rato e, dessa forma, produziram novos significados. Uma nova relação e novos significados inclusive foram criados com seu uso em laboratórios.

Historical "insensitivity" to the use of the mouse as a research animal and to its possible suffering and death may well be linked to moral judgements about the rodent which portray it as sneaky and dirty. In its older habitats, these creatures haunted human spaces such as pantries and granaries. This age old association between rats/mice and humans has resulted in some symbolic baggage (at least in the West) that casts these creatures as tricky and vile scavengers, linked to the transmission of plague and other diseases. They are seen as true tricksters. (CASTRO CARVALHO, 2016, pg. 164)

Se tomássemos os ratos somente por seus aspectos negativos, não faria sentido colocá-los na categoria de *tricksters*, pois um *trickster* precisa ser ambíguo, detendo aspectos positivos e negativos, contendo atributos sempre contraditórios (LÉVI-STRAUSS, 1955). Porém, ao olharmos para o entretenimento, os contos, e as histórias que produzimos sobre ratos, vemos algo do padrão esperado de um *trickster*. Encontramos exemplos, principalmente quando aparecem antropomorfizados, em que ratos e camundongos são mediadores entre o caos e a ordem. Vemos isso no personagem Mestre Splinter, da animação Tartarugas Ninjas, um rato que vive nos esgotos, sempre preocupado em manter a si e a seus discípulos ocultos – uma característica claramente inspirada em seu atributo rato –, mas ao mesmo tempo um mestre severo e disciplinado que utiliza de meditação, atributos geralmente ligados à ordem.

Outro exemplo interessante ocorre no jogo de tabuleiro *Mice and Mystics*. Durante a história, que é lida como um conto durante o jogo, os jogadores são situados em um mundo onde, representando camundongos, fazem parte de uma jornada para enfrentar uma rainha má que teria envenenado o rei. O capitão das tropas malignas da rainha, um rato chamado Vurst, continuamente aparece na história, sendo um inimigo traiçoeiro. Porém, no final, a história se desenrola contando as motivações de Vurst, que buscava o que ele via como algo bom para o reino, pois, para ele, o rei, que antes era um guerreiro, havia se tornado fraco ao ter se tornado pacifista, e que a nova rainha traria

novamente conquistas militares. O ponto alto é quando os jogadores encontram e enfrentam Vurst, e, ao subjugar-lo, fazem dele um aliado. Mas a mecânica do jogo faz com que a cada situação em que Vurst é vencido por um inimigo dos jogadores, ele volte a ser um opositor, e tenha de novamente ser derrotado para que retorne para o lado dos heróis. Ao final da história, ele se sacrifica para que os heróis fujam, enfrentando a rainha sozinho enquanto eles buscam uma forma de combater sua feitiçaria.

Vurst age de forma deceptiva, utilizando de artimanhas durante toda a história, porém com um objetivo, que é, ao mesmo tempo, bom e mau, trazer glória militar e prosperidade ao reino, porém causar a morte o Rei. Este fato aliado à forma como sua posição frente aos heróis varia entre dois extremos em sua aparição final no jogo, só para que ele no fim encontre a morte ao finalmente se juntar definitivamente ao lado dos heróis, reflete exatamente o arquétipo do *trickster*, o que não parece um acaso, já que, de todos os tipos de inimigos enfrentados (baratas, insetos, aranhas e ratos), é justamente o rato o personagem mais próximo aos jogadores, que são camundongos, que faz este papel de mediação entre a paz e prosperidade e o conceito de glórias e conquistas militares.

Edelman (2002) sugere que os ratos sejam um dos exemplos mais extremos da ambiguidade dentro de nossa sociedade. Ao observarmos as histórias com ratos antropomorfizados em nossa cultura, não parece surpresa que estas características se tornem tão claras: Remy, de *"Ratatouille"*, é ao mesmo tempo rato de esgoto e chefe de cozinha francesa; Mestre Splinter, de *"Tartarugas Ninjas"*, é um rato vivendo escondido nos esgotos e um honrado mestre de artes marciais; Vurst, de *"Mice and Mystics"*, é um vilão que usa táticas sujas, mas se sacrifica com um propósito altruísta.

Essa ambiguidade se expressa inclusive no próprio ambiente urbano, apesar de indesejados, os ratos estão convivendo conosco desde dos primeiros assentamentos humanos, e continuam hoje espalhados por todas as cidades. O fato é que construímos cidades boas para homens, mas também boas para ratos. As cidades foram moldadas por nós e elas moldaram a nossa cultura, a nossa sociedade e as nossas relações e, por consequência, acabaram moldando os nossos corpos, nossas práticas corpóreas e nossos hábitos, moldando assim, também, nossa relação com os ratos.

Em Almeida de Souza (2017) encontramos evidência importante sobre as relações e práticas corpóreas, onde o afeto entre técnicos de biotério com os ratos aparece fortemente atrelada à troca corporal. Uma das técnicas do Biotério por ela entrevistada descreve como se formaria um hábito de convivência com o animal que lhe permitiria vê-lo de forma mais "humanizada", e não simplesmente como um "objeto".

A proximidade, o contato físico e o convívio parecem questões importantes para determinarmos a relação dos homens com os ratos. O pesquisador que só encontra o rato no momento do experimento o trata como objeto; já o técnico do biotério, que convive com os ratos, os trata de forma mais "humanizada"; e nós tratamos os ratos de esgoto, que vivem no completo anonimato, como pragas extermináveis.

Por outro lado, Wundram e Ruback (1986) demonstram que tanto a presença quanto a percepção que as pessoas têm dos ratos estariam atreladas as ações dos humanos no local. Os autores argumentam que a percepção negativa derivaria da presença dos animais, e que essa presença derivaria do comportamento dos indivíduos humanos. Onde haveria mais ratos seriam os locais onde eles seriam mais detestados, e a percepção sobre suas doenças e ataques seriam mais exacerbados.

Segundo demonstram os autores, onde não são aplicadas boas práticas para evitar que ninhos de ratos se formem, os ratos são mais comuns, e os encontros com eles mais recorrentes, e os exageros sobre sua periculosidade são maiores. Este argumento poderia ser utilizado para contrariar

o que estabelecemos anteriormente, sobre a proximidade tender a humanizar os ratos, mas somente se não tomássemos o devido cuidado de desvincular a ideia de encontro com a de contato corporal.

Nos casos estudados por Wundram e Ruback, os ratos podem ter maior ou menor presença, mas em todas as situações eles são completamente marginalizados. São tratados como indesejáveis. Porém, parece certo que o encontro com o indesejável com maior frequência, mas não suficiente para que se torne aceitável, acabe por amplificar o nojo. Para que se pudesse argumentar que a proximidade e a convivência não fossem fatores que levariam a um tratamento mais “humano” do rato, seria necessário, primeiro, que os ratos deixassem de ser ostracizados.

As evidências que temos mostram que, quando tratados com proximidade, como no caso dos ratos de estimação, ou dos criadores ou técnicos de biotério, a tendência é de “personificá-los”.

Podemos também tentar pensá-los em termos do rato domesticado contra o rato selvagem, esquema no qual o primeiro seria o rato limpo, pacífico e companheiro e o segundo o rato do esgoto, sujo e agressivo. É interessante notar que os ratos nas cidades são tratados como “selvagens”, mesmo vivendo nos maiores centros urbanos modernos e lidando com nossas intervenções antrópicas continuamente. Continuam a ser tratados como selvagens, pois não temos um objetivo para eles, não os desejamos, eles não parecem cumprir uma função que nos seja útil, são de fato *unloved others* (BIRD ROSE & DOOREN, 2011). Deixam de ser selvagens quando ganham propósitos em um laboratório, ou uma relação com um dono ou criador, passam a ser domésticos quando deixam seu ambiente “natural”, os esgotos produzidos pelo homem. Apesar de tudo, os ratos ainda parecem confundir as nossas categorias, pois os esgotos, que são o ambiente “natural” do rato, para nós, não seriam pensados como naturais quando pensados de forma isolada dos ratos.

Até mesmo os reagrupamentos de espécies consideradas como domésticas, selvagens, de criação etc., pouco nos ajudam a compreender o contexto das relações transespecíficas. Isso se dá porque sob certas circunstâncias um indivíduo de determinada espécie pode, por exemplo, domesticar-se ou asselvajar-se, não por volição intrínseca, mas por entrar em relação. (SILVA E SÁ, 2013, pg. 249)

É na relação com o humano que o rato se torna doméstico ou selvagem, de laboratório, de estimação ou, então, peste exterminável (*killable*). E, como foi visto entre os pesquisadores que trabalham com os ratos, estas relações nem sempre aparecem como puras em um destes sentidos, mas muitas vezes como um complexo destas variáveis. Se o significado do rato transita entre estes sentidos, se ele media entre estes diferentes polos, então é por isso também que se justifica sua importância como um *trickster*.

CONCLUSÃO

Os ratos interagem com o homem de diversas formas, das quais, em nossa perspectiva, acabam por ter resultados positivos e/ou negativos. Se estabelecemos anteriormente que eles são nossos vizinhos nas cidades, a compreensão sobre nossa relação pode nos fornecer caminhos mais certos para que possamos pensar em nossa atuação frente a esses animais.

Se hoje tratamos o rato como símbolo de decadência urbana, da pobreza e da falta de saneamento, mas ao mesmo tempo não encontramos meios de erradicá-los, talvez devêssemos voltar nossa atenção ao estudo de nossa relação com estes animais; devemos conceder espaço para a discussão acadêmica sobre a situação do rato, já que todas as estratégias de urbanização e envenenamento falharam.

Se Wundram e Ruback (1986) nos apresentam os danos causados por estes animais, eles também apresentam um beco sem saída, já que mesmo as tentativas de intervenção em comunidades, para educá-las para agir de forma a evitar o aparecimento e proliferação dos ratos tiveram pouco efeito, e os únicos lugares no mundo que conseguiram permanecer sem ratos são locais bastante isolados, onde um controle total de fronteira foi realizado, como, por exemplo, a Província de Alberta, no Canadá, a ilha Hawadax, no Alaska, e algumas ilhas na Nova Zelândia.

Ao mesmo tempo, temos hoje uma crescente visão do rato como ser natural, com um lugar na natureza, e que se torna indesejado somente quando nos causam prejuízos, como aponta Edelman (2002) ao nos descrever uma tendência democratizante em nossa sociedade, em que tem aumentado as vozes dos defensores de direitos animais, e aos poucos aumentado a abrangência de animais que aparecem nas pautas destes ativistas.

Ao mesmo tempo, Edelman (2002) argumenta que o símbolo negativo vinculado ao rato parece resistir em nossa sociedade, apesar do crescimento da visão científica e naturalista, e de uma posição mais democrática que busca respeitar os direitos dos animais. O rato ainda continua a simbolizar características que os tornam extermináveis.

Porém, temos de lembrar que estabelecemos diferentes relações com diferentes situações nas quais encontramos os ratos. Não podemos ignorar os diferentes significados que têm os ratos nos laboratórios, como animais de estimação ou nos esgotos e invadindo as casas e depósitos. As reações das pessoas nestes diferentes contextos são também, claro, heterogêneas.

Sendo o rato um *trickster*, ele possui ao mesmo tempo as características negativas e positivas; talvez por isso, e apesar do crescimento e difusão de visões positivas, do rato como animal de estimação, ou “neutras”, do rato naturalizado pelas ciências biológicas, suas características negativas ainda se façam tão presentes.

Se o pensamento de Edelman nos fala sobre uma tendência positiva de democratização, que estaria ampliando a ideia de direitos naturais dos animais, por outro lado, vemos casos como a invasão do laboratório Royal, no Brasil, como exemplo de situação em que a hierarquia de espécies construída a partir da proximidade com ao homem ainda se mostra muito clara, já que os ativistas invadiram o local para salvar os cachorros, mas nada fizeram pelos roedores que também estavam ali (Almeida de Souza, 2015).

As regulamentações do tratamento de ratos de laboratório servem como atestado do reconhecimento, pelo estado e pela ciência, da senciência e do potencial de sofrimento dos ratos. Porém, enquanto criamos comitês de ética e leis para regulamentar o uso dos ratos em pesquisas, continuamos a tratar com absoluto descaso aqueles que dividem conosco o espaço das cidades. Se nos biotérios a temperatura e até mesmo o barulho são regulados, na cidade os ratos são prontamente exterminados.

Essa contradição parece similar à que Edelman nos descreve sobre a proibição da prática do “ratting” na Inglaterra do século XIX, onde ratos eram colocados em fossos com cães soltos para persegui-los e matá-los enquanto o público assistia ao “espetáculo”. Entretanto, ao mesmo tempo em que a prática foi proibida pelo estado inglês, este mesmo estado financiava também políticas públicas de extermínio dos ratos. Para Keith Thomas (1988), o período moderno teria gerado “um conflito crescente entre as novas sensibilidades e os fundamentos materiais da sociedade humana”. Thomas (1988) nos descreve como a mudança trazida com a modernidade no século XVIII mudou a relação dos homens com os animais; para ele já no século XVI teria se iniciado uma corrente religiosa que afirmaria que todas as coisas da natureza seriam divinas e portadoras de valor espiritual e, portanto, possuidoras de direito sagrado à vida.

De um lado, os ingleses criticavam o “*ratting*”; do outro precisavam eliminar os ratos para evitar os danos e doenças que eles poderiam causar. Fica claro que parece haver também um limite ético para morte dos ratos na modernidade, principalmente quando ela ocorre em uma relação de proximidade entre o homem e o rato, onde a relação parece desinstrumentalizar-se. Aceitamos que milhões de ratos sejam mortos por venenos, que de morte “pacífica e indolor” não tem nada, mas nos horrorizamos quando ao nos relacionarmos com os ratos no cotidiano lhes causamos sofrimento considerado “desnecessário”.

Nesse caso, a extensão de consideração moral aos bichos, por conseguinte, não depende exclusivamente de argumentos racionais como querem Singer ou Regan (Welchman, 2004). Embora a noção de direitos dos animais, para esses autores, se fundamente na noção de senciência, o modo como eles desenvolvem o raciocínio trata essa constatação como uma premissa da qual se depreende um princípio geral: como os animais são sencientes, logo são dotados de direitos. Com isso, o apelo para se pensar sempre em situação, como sugerem Stengers e os pragmatistas, se perde. Mas minha intenção aqui não é opor razão e sensibilidade, e sim mostrar como uma ética que incorpora os afetos pode ser mais aberta àquilo que há de perturbador nas situações, tornando-as mais capazes de produzir hesitação. Até porque argumentos racionais são também mobilizados para a defesa de uso de modelos experimentais, e muitos dos técnicos que atuam no biotério aceitam essa justificativa, o que não impede o surgimento do mal-estar com relação à morte dos bichos. É o vínculo afetivo que faz emergir a inquietação ética. (ALMEIDA DE SOUZA, 2017, Págs. 18-19)

É parte central do argumento de Almeida de Souza que a convivência mediada pelo corpo, as relações sensíveis e o afeto, são caminhos importantes para pensarmos a ética e cultivar a sensibilidade com a situação dos animais. Contudo, quando falamos de animais rejeitados, que vivem no domínio do abjeto, esse argumento parece encontrar seu limite. Se buscamos ativamente evitar o convívio com os ratos, consequentemente não nos afetaremos por suas mortes, e assim, como sociedade, continuaremos a condenar os ratos moradores das cidades, enquanto seus “primos “úteis” nos laboratórios recebem a atenção do ativismo, e todo aparato legal, para lhes garantir menor sofrimento.

Ainda existe muito para se pensar sobre quais significados o rato tem para nossa sociedade. Um *trickster* que transita entre uma praga, uma mascote, e um animal entendido pela ótica das ciências naturais. O debate sobre nossa relação com os ratos ainda está em aberto, e resta sabermos em que medida essa compreensão pode nos permitir reavaliar a nossa convivência e mesmo nossas políticas públicas.

Como sugere Edelman, a cada dia estamos mais democráticos, e, portanto, mais inclinados a respeitar os direitos animais; se movimentos em defesa deles, e contra o sofrimento desnecessário, cada vez ganham mais forças (junto com movimentos veganos e outros tipos de movimentos para abolição da prática da morte de animais), é possível que, no futuro, nos deparemos com a questão da matança de ratos nas cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA SOUZA, Iara Maria. Afeto entre humanos e animais não humanos no biotério. *RBCS*, v.32, n.94, 2017. _____. Animais de Pesquisa: relações de afeto e cuidado. *V Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia*. Porto Alegre, 2015.

_____. Vidas experimentais: humanos e roedores no laboratório, *Revue*. V.17, n.2, 2008.

ALVES, Michael Carreri. *Uma breve investigação antropológica da relação entre homens e ratos na sociedade contemporânea* [monografia]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2017.

BEN AMI BARTAL, Inbal; DECETY, Jean; MASON, Peggy. *Helping a cagemate in need: empathy and pro-social behavior in rats*. *Science*, v.334, n.6061, 2011.

BIRD ROSE, Deborah; DOOREN, Thom Van. Introduction. In: *Unloved Others: Death of the Disregarded in the Time of Extinctions*. Australia: ANU E Press, 2011.

CASTRO CARVALHO, Marcos. Producing quimeras: lineages of rodents, laboratory scientists and the vicissitudes of animal experimentation. *Vibrant*, v.3, n.1, 2016.

DESCOLA, Philippe. *Estrutura ou Sentimento: A relação com o Animal na Amazônia*. MANA, v.4, n.1, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, São Paulo: Editora 34, 1997.

DOOREN, Thom van. *Vultures and their People in India: Equity and Entanglement in a Time of Extinctions*. In: *Unloved Others: Death of the Disregarded in the Time of Extinctions*. Australia: ANU E Press, 2002.

EDELMAN, Brigitta. Rats are people, too! Rat-human relations re-rated. *Antropology Today*, v.18, n.3, 2002.

J. HARAWAY, Donna. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

JANE DUNDRAM, Ina; RUBACK, R. Barry. Urban Rats: Symbol, Symptom and Symbiosis. *Human Organization*, v. 45. n. 3, 1986.

LAW, John; LIEN, Marianne. Animal architextures. In: Harvey, P, Casella, E, Evans, G, Knox, H, McLean, C, Silva, C, Thoburn, N, Woodward, K (org.) *Objects and Materials*. Abingdon: Routledge, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. The Structural Study of Myth. *The Journal of American Folklore*, v.68, n. 270, 1955.

_____. *Antropologia estrutural I*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1986.

L. FOOTE, Allison; D. CCRYSTAL, Jonathon. Metacognition in the Rat. *Current Biology*, v.17, n.1, 2007.

MARRAS, Stélio. Ratos e homens – e o efeito placebo: um reencontro da cultura no caminho da natureza. *Campos*, v.2, n.1, 2002.

SILVA E SÁ, Guilherme José. Afinal, você é um homem ou é um rato?. *Campos*, v.14, n.1-2, 2013.

SMITH, Mick. Dis (appearance): Eath, Ethics and Apparently (In) Significant Others. In: *Unloved Others: Death of the Dissregarded in the Time of Extintions*. Australia: ANU E Press, 2011.

SUCKOW, Mark; WEISBROTH, Steven H.; FRANKLING, Craig L. *The Laboratory Rat*. San Diego: Elsevier Academic Press, 2006.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1988.

VANDER VELDEN, Felipe. *Apresentação ao Dossiê*. Revista R@u, v.7, n.1, 2015.

“Após ratos roerem cabos parte da ponte de laguna fica sem iluminação diz dnit”. G1, Globo. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/milhares-de-ratos-invadem-aldeias-de-ilha-em-myanmar-21441500>> Acesso em 24 de Novembro de 2017.

“Comerciantes denunciam infestação de ratos no Ceasa”. TvJornal, Uol. Disponível em <<http://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2017/09/04/comerciantes-denunciam-infestacao-de-rat-os-no-ceasa-33113.php>> Acesso em 24 de Novembro de 2017.

FILMOGRAFIA

RATATOUILLE. Direção: Brad Bird. Produção: Brad Lewis. Intérpretes: Patton Oswalt, Ian Holm, Lou Romano, Janeane Garofalo, Peter O'Toole, Brad Garrett, Brian Dennehy, Peter Sohn e outros. Roteiro: Jan Pinkava, Jim Capobianco, Brad Bird. Música: Michael Giacchino. California: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. 1 DVD (111 min), widescreen, color, 2016.

TOM & JERRY. Criação: William Hanna e Joseph Barbera. Direção: William Hanna e Joseph Barbera e outros. Produção: Rudolf Ising, Fred Quimby, William Hanna, Joseph Barbera e outros. Roteiro: William Hanna, Joseph Barbera e outros. Música: Scott Bradley, Tom Worrall, Gary Lionell, Tom Erba, Eugene Poddany e outros. California: Metro-Goldwyn-Mayer. 164 curtas, 1940-1967.

PINK AND THE BRAIN. Criação: Tom Ruegger. Produção: Steven Spielberg. Roteiro: Gordon Bressack, Charles M. Howell IV, Earl Kress, Wendell Morris, Tom Sheppard e outros. Música: Richard Stone, Steven Bernstein, Julie Bernstein, Gordon Goodwin, Carl Johnson. California: Warner Bros. 66 episódios, 1995-1998.